



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

FABIOLA ROLIM DE OLIVEIRA

**O ESTUDO DA ORTOGRAFIA NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICA:
ABORDAGENS NO LIVRO DIDÁTICO DE LINGUA PORTUGUESA DO 6º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL II**

CAJAZEIRAS - PB

2019

FABIOLA ROLIM DE OLIVEIRA

**O ESTUDO DA ORTOGRAFIA NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICA:
ABORDAGENS NO LIVRO DIDÁTICO DE LINGUA PORTUGUESA DO 6º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL II**

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras/Língua Portuguesa, do Centro de
Formação de Professores da
Universidade Federal de Campina Grande
– *Campus* de Cajazeiras - como requisito
de avaliação para obtenção do título de
licenciado em Letras.**

**Orientadora: Prof. Esp. Abdoral Inácio da
Silva**

CAJAZEIRAS – PB

2019

FABIOLA ROLIM DE OLIVEIRA

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB – 15/046
Cajazeiras - Paraíba

O482e Oliveira, Fabiola Rolim de.
O estudo da ortografia numa perspectiva histórica: abordagens no livro didático de língua portuguesa do 6º Ano do Ensino Fundamental II / Fabiola Rolim de Oliveira. - Cajazeiras, 2019.
60f. : il.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva.
Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa)
UF CG/CFP, 2019.

1. Língua latina. 2. Língua portuguesa. 3. Ortografia. 4. Livro didático.
I. Silva, Abdoral Inácio da. II. Universidade Federal de Campina Grande.
III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UF CG/CFP/BS

CDU - 811.124

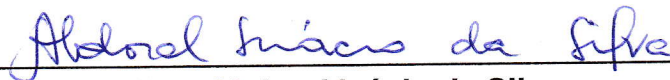
FABIOLA ROLIM DE OLIVEIRA

O ESTUDO DA ORTOGRAFIA NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICA :
ABORDAGENS N OLIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO 6º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL II

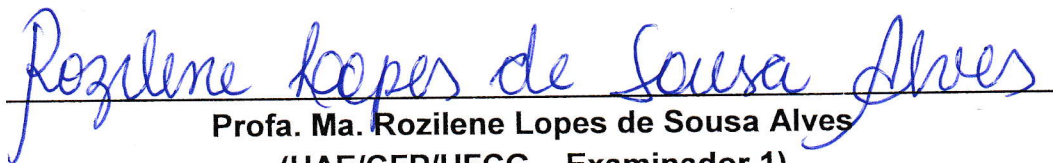
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Licenciatura
em Letras - Língua Portuguesa do
Centro de Formação de Professores da
Universidade Federal de Campina
Grande – *Campus* de Cajazeiras, como
requisito parcial para obtenção do título
de Graduado em Letras.

Aprovado em: 11 / 12 / 2019

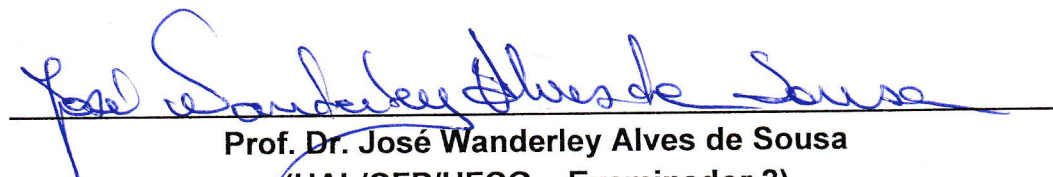
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
(UAL/CFP/UFCG – Orientador)



Profa. Ma. Rozilene Lopes de Sousa Alves
(UAE/CFP/UFCG – Examinador 1)



Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa
(UAL/CFP/UFCG – Examinador 2)

A Deus, criador do universo; a minha família, por todo apoio; ao meu filho Heitor, minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelos momentos de força e coragem que o Senhor me concedeu, pois foram muitas as vezes de pensar em desistir.

Ao meu filho Heitor, que chegou durante o curso para me dar força e continuar a luta.

A minha mãe que tanto lutou por mim, para que eu nunca perdesse o foco nos estudos mesmo enfrentando todas as dificuldades.

Aos meus irmãos, que sempre me apoiaram e incentivaram a nunca desistir.

Aos meus familiares e amigos que de modo geral sempre me apoiaram dando força e coragem.

A minha amiga Mayara, que nos momentos difíceis de graduação sempre estava disposta a me ajudar.

Ao professor Abdoral, pelo conhecimento partilhado de forma humilde, simples e honesta, trazendo para comigo o prazer pelos estudos, à dedicação durante a orientação deste trabalho e em sala de aula.

Aos meus professores que contribuíram de forma significativa durante a graduação.

Por fim a todos que contribuíram de maneira significativa, com um abraço, com um sorriso, gratidão a todos.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o livro didático Português Linguagens, dos autores Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, do 6º ano do ensino fundamental II sobre a ortográfica. Para isso traçamos como objetivo geral evidenciar sobre a necessidade de uma abordagem contextualizada sobre o ensino de ortografia, a partir da evolução histórica da língua e especificamente objetivamos estudar a evolução da língua portuguesa a partir do latim, compreender como aconteceu o processo evolutivo da ortografia da língua portuguesa, depois da chegada dos romanos à Península Ibérica e propor possibilidades de contextualização numa perspectiva teórica. Empreendemos em conhecimentos sobre a evolução e o contexto histórico em que ocorreu e como aconteceu a mudança do Latim para o galego-português e, mais tarde: Língua Portuguesa. Visto que, dentre os mais importantes meios interacionais, atualmente, no mundo, está à língua, porque sem ela não há comunicação plausível entre os povos. Esta pesquisa caracteriza-se bibliográfica, descritiva de análise qualitativa. Para a realização da pesquisa fundamentamo-nos em Assis (2011), Carvalho e Nascimento (1981) entre outros. Diante da análise do livro didático constatamos que há a necessidade de contextualizar o ensino de ortografia considerando o processo histórico da língua portuguesa para uma aprendizagem mais efetiva.

Palavras-chaves: Língua Latina. Língua Portuguesa. Ortografia. Livro Didático.

ABSTRACT

This research aims to analyze the textbook Portuguese Languages, by authors Willian Roberto Cereja and Thereza Cochar Magalhães, from the 6th grade of elementary school II on orthography. For this we have as general objective to analyze the necessity of a contextualized approach to the teaching of spelling, from the historical evolution of the language and as specific objectives to study the evolution of the Portuguese language from Latin, to understand how the evolutionary process of spelling happened. Portuguese, after the arrival of the Romans to the Iberian Peninsula and to propose possibilities of contextualization on the subject in the classroom. We deepened our knowledge of the evolution and historical context in which it occurred and how the change from Latin to Galician-Portuguese and, later, to Portuguese. Whereas among the most important interactional means in the world today is language, because without it there is no plausible communication between peoples. Consequently, according to our reflections, with the object analyzed we have been able to significantly expand the learning of spelling. It is classified as a bibliographical, descriptive research of qualitative analysis. For the accomplishment of the research we based in Assis (2011), Carvalho and Nascimento (1981) among others. Given the analysis of the textbook we found that there is a need to contextualize the teaching of spelling considering the historical process of the Portuguese language for a more effective learning.

Keywords: Latin language. Portuguese language. Orthography. Textbook.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1-	-	Mapa da Hispânia Citerior e Hispânia Ulterior.....	17
Figura 2	-	Cantiga de Ribeirinha.....	20
Figura 3	-	Mapa da Cronologia e Reconquista Cristã.....	22
Figura 4	-	Mapa dos Povos Pré-Romanos da PI.....	27
Figura 5	-	Capa do LD.....	34
Figura 6	-	Sumário: Unidade 1.....	35
Figura 7	-	Sumário: Continuação da Unidade 1 / Unidade 2.....	36
Figura 8	-	Sumário: Continuação da Unidade 2.....	37
Figura 9	-	Sumário: Unidade 3.....	38
Figura 10	-		40
Figura 11	-		41
Figura 12	-		42
Figura 13	-		43
Figura 14	-		44
Figura 15	-		46
Figura 16	-		47
Figura 17	-		48
Figura 18			49
Figura 19			50
Figura 20			51
Figura 21			52
Figura 22			53

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CFP - Centro de Formação de Professores
- CPLP - Comunidade de Países de Língua Portuguesa
- LD - Livro Didático
- LP - Língua Portuguesa
- PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais
- PI - Península Ibérica
- TCC - Trabalho de Conclusão de Curso
- UAL - Unidade Acadêmica de Letras
- UFCG - Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A LINGUA LATINA	12
1.1 O latim na península ibérica	16
2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O SURGIMENTO DA LINGUA PORTUGUESA	22
2.1 O contato do latim com outras línguas da Península	26
2.2 Considerações sobre o surgimento da ortografia	28
3 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO	34
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	59

INTRODUÇÃO

O português brasileiro apresenta inúmeras diferenças nos campos morfológico, lexical, fonético, sintático e semântico, e são essas diferenças que nos leva a pesquisar minuciosamente, ou seja, buscar entender os fatores históricos da língua portuguesa (LP) que contribuíram para a nossa língua, levando-nos a questionar os diferentes aspectos, quando falamos e escrevemos.

Os fatos históricos ocorridos durante a colonização do Brasil foram um dos pontos mais influenciadores para a origem do português brasileiro, não podendo ser desprezada a história dos índios que já habitavam a nossa terra, os escravos trazidos da África transportados de maneira desumana em navios para servirem como moeda de troca e mão-de-obra barata, como também, a imigração europeia que ocorreu ao longo da história.

Apoiando-se nessa discussão, chegamos a dois questionamentos sobre a história da LP, principalmente no âmbito escolar: Como o livro didático (LD) de LP apresenta o conteúdo do ensino de ortografia? O LD considera a percepção histórica, social e cultural que está inserido o conteúdo a ser estudado?

Deixando de lado uma abordagem descontextualizada e com atividades que não dão conta de um ensino ideal, visando que a maioria dos professores fazem uso apenas do LD e ele por si só não dá conta.

Diante de tais indagações, procurando respondê-las, desenvolveu-se a presente pesquisa e para isso traçamos como objetivo geral, analisar sobre a necessidade de uma abordagem contextualizada sobre o ensino de ortografia, a partir da evolução da língua e como objetivos específicos estudar a evolução da LP a partir do latim, compreender como aconteceu o processo evolutivo da ortografia da LP, depois da chegada dos romanos à Península Ibérica (PI) e propor possibilidades de contextualização sobre o assunto em sala de aula. O livro analisado é intitulado: Português Linguagens, escrito por William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, utilizado no 6º ano do ensino fundamental.

Quanto aos procedimentos metodológicos esta pesquisa é de cunho bibliográfico, pautando-se em referenciais históricos já publicados para embasamento teórico, dos capítulos iniciais. Mattar (1993) esclarece que as pesquisas bibliográficas é uma forma prática e econômica de aprofundar um

problema de pesquisa embasado por trabalhos que já foram elaborados anteriormente.

Quanto a metodologia uma pesquisa descritiva que, segundo Gil (2002), tem a finalidade principal a descrição detalhada das características de uma população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Este tipo de pesquisa permite ao pesquisador, descrever resultados coletados em pesquisas qualitativas e quantitativas.

A organização deste estudo está fundamentada em três capítulos, o primeiro trata-se da abordagem sobre a língua latina e suas variações como também as invasões a PI até a dominação do império romano e a instalação do latim como língua oficial, utilizada pelos povos que habitavam a região. E posteriormente a dialeção dessa língua que deu origem a outras, inclusive o nosso Português.

O segundo capítulo foi destinado ao português que chega ao Brasil, apresentando as principais características da nossa língua, ficando evidente que o nosso português torna-se diferente das outras línguas, colonizadas pelos lusitanos, e algumas considerações sobre o surgimento da ortografia e suas variações como apresentado por Coutinho.

No terceiro capítulo apresentamos a análise do LD: Português Linguagens, buscando identificar e entender como é apresentada a ortografia no mesmo, de maneira a responder aos objetivos propostos nesta pesquisa e por último as considerações finais.

1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A LINGUA LATINA

O Latim era falado na cidade de Roma e na província do Lácio, no século I a.C. Estendeu-se a toda a Itália e a parte ocidental da Europa, dando origem às línguas neo-latinas: o português, o espanhol, o francês, o italiano, o romeno, o galego, o occitano, o rético, o catalão e o dalmático (este, já extinto).

Como abordado por Carvalho e nascimento (1981, p.19). Pouco é o que se sabe a respeito dos povos que habitavam o solo peninsular antes da invasão romana (séc. III a.C.). Dentre eles citam-se como os mais importantes os iberos, os celtas, os fenícios, os gregos e os cartagineses”.

Antes da invasão dos romanos, na península já habitavam povos diferentes e de diferentes costumes como citado acima, que já traziam em sua cultura uma

religião e uma língua específica, após várias lutas e guerras entre povos de diferentes culturas, costumes e religiões a língua foi se modificando e se espalhando entre os povos que habitavam a península durante o domínio dos romanos, com a mistura de diferentes povos o latim vulgar se dialetou e passou a se desenvolver diferentemente em cada região.

Espalhando-se com mais facilidade por ser o idioma oficial do antigo Império Romano. E, mesmo com a queda deste, em 476, o latim continuou a ser usado como língua culta, utilizada por escritores, em documentos oficiais e tudo o que se referia à linguagem culta da época. O latim, como a maioria dos idiomas, transformou-se de maneira dialética, com mudanças nas formas de falar e de escrever.

A língua tem dois empregos distintos: um literário usado por artistas e pessoas cultas, como também na forma escrita e o popular utilizado na fala. A língua latina não é diferente e apresenta duas modalidades linguísticas: o latim vulgar e o latim clássico.

O latim clássico era a língua das escolas e academias e o latim vulgar era utilizado na fala por pessoas que se preocupavam apenas em transmitir suas ideias, com isso convém lembrar que não eram duas línguas diferentes, mas duas modalidades da mesma língua.

Além dessas duas modalidades existiam mais duas: o baixo-latim que é utilizada por Padres da Igreja da Idade Média e o latim-bárbaro esse exclusivamente escrito era utilizado por copistas da Idade Média.

Na língua latina além de diferentes modalidades como podemos perceber, tinha também as flexões ou desinências, a essas desinências que correspondem a diversas funções lógicas dá-se o nome de casos.

De acordo com Carvalho e Nascimento (1981, p78.), podemos estudar no latim clássico, os seguintes casos:

- a) Nominativo – caso do sujeito (discipulus)
- b) Genitivo – caso do complemento restritivo (discipuli)
- c) Dativo – caso do objetivo indireto (discípulo)
- d) Acusativo – caso do objetivo direto (discipulum)
- e) Vocativo – caso do vocativo (discipule)
- f) Ablativo – caso dos adjuntos adverbiais (discípulo)

As línguas de origem popular procuraram reduzir esses casos, para maior facilidade, e o resultado dessas reduções foi que apenas dois casos restaram do latim vulgar: o nominativo e o acusativo, ou seja, um caso reto e um caso oblíquo. E ainda podemos dizer que restou apenas um desses casos que foi o acusativo, do qual vem a maioria das palavras portuguesas, e diante disso o caso acusativo é chamado de caso lexicogênico.

Além dos casos, os substantivos latinos estão classificados em cinco declinações, cujas características práticas são as desinências do genitivo singular: 1ª. d. AE, 2ª. d. I, 3ª. d. IS, 4ª. d. US, 5ª. d. EI. Entretanto, no latim popular, essas declinações reduziram-se a três com perda da quarta e da quinta declinação. Houve também o desaparecimento do gênero neutro, que se deu de forma fonética e psicológica.

Já nos verbos, podemos observar quatro conjugações, cujas características práticas são as terminações dos infinitivos, como seguem: 1ª. conj. ARE, 2ª. conj. ERE, 3ª. conj. ERE, 4ª. conj. IRE. Com a perda da posição quantitativa, os verbos da segunda e da terceira entraram a confundir-se, assim, desapareceu a terceira conjugação. Observando que os verbos terminados em are, ere e ire, deram origem em português ar, er, ir.

O latim vulgar apresentava diferentes características de acordo com o grupo de falantes que utilizavam e entendemos que este não conceitua uma língua, mas conglomerado de falares de vários tipos. E exatamente deste latim vulgar que surgem as diversas línguas românicas, entre elas o Português.

Sabido que a LP é de origem neolatina, ou seja, o próprio latim modificado, foi no decorrer do tempo com as lutas pelas conquistas de novas terras, se expandindo e ganhando características de outras línguas, inicialmente era uma língua tosca e rude com o passar do tempo e com a expansão do Império Romano, adquiriu dois aspectos que no decorrer do tempo tornaram-se distintos. Tínhamos então a língua latina dividida em dois pontos: o latim clássico e o latim vulgar.

Definição do latim clássico dada por Assis (2011, p. 119):

O latim clássico, chamado pelos romanos de *sermo urbanus*. Era a língua literária, conservadora e resistente às inovações, que buscava a correção gramatical e estilística; Conhecida como uma língua artificial e rígida, porém polida e requintada. Sinônimo de prestígio, a língua era praticada por uma elite e usada nas escolas e nas obras

dos grandes escritores latinos, como Cícero, César, Virgílio e Horácio.

O latim clássico era usado pelas pessoas de alto nível na sociedade, como também em documentos e produções literárias, conhecida como a língua literária, era também a língua das escolas e academias.

O latim vulgar era a língua falada pelos povos mais simples e que não tinham preocupação com correções gramaticais, mas sim em falar com as variedades linguísticas sem preocupação nem uma, levado por soldados e colonos a toda região do Império Romano, sabido que foi a partir do latim vulgar que surgiu as demais línguas de origem românicas, inclusive o português. Podemos ver na definição de latim vulgar que Assis (2011, p119 a 120.) nos apresenta:

A expressão latim vulgar refere-se à língua com todas as suas variedades. Era usado pelo povo, sem preocupação com a correção gramatical. Era uma variedade falada que servia de instrumento de comunicação diária, com finalidade práticas e comerciais. Também chamado de *sermo vulgaris*. foi levado pelos soldados, colonos e funcionários romanos a todas as regiões do Império Romano.

O latim vulgar como visto pelo que aborda Assis, ele pode ser estudado de duas maneiras. Uma delas é a reconstrução linguística, ou seja, uma comparação feita entre as línguas românicas, observando-se as características de cada uma delas é possível reconstruir a forma original comum a cada uma delas, o étimo latino.

Embora falando da mesma língua, que apresentam duas modalidades distintas, as variedades clássica e vulgar apresentam diferenças na fonética, na morfologia, no léxico e na sintaxe. E a partir das características de uma ou outra que deram origem as línguas românicas.

Maria Cristina nos mostra algumas particularidades do latim vulgar em relação ao latim clássico:

Na fonética, uma mudança importante foi a perda das oposições de quantidade. O latim clássico se caracterizava por apresentar cinco vogais e cada uma dessas vogais podia ser longa ou breve e essa distinção fonológica estava associada a uma mudança no significado da palavra: *pōpulum* com ó breve, significava povo, enquanto *populum* com o longo, significava choupo.

No latim vulgar as diferenças foram se associando as de timbre, de modo que o timbre passou a ser diferente e distintos e a duração da pronuncia da vogal desapareceu. Havia também uma tendência para as vogais átonas caírem, evitando o uso de palavras proparoxítonas, como ocorre no exemplo: *conducere* (latim clássico) > *conducere* (latim vulgar) = conduzir (português).

No léxico, fazia uso de vocabulários mais populares e afetivos com sufixos diminutivos. O latim clássico usava a palavra *equus*, no sentido de cavalo, o latim vulgar usava a palavra *caballos* com o mesmo sentido, embora originalmente a palavra significava cavalo de lavoura.

Exemplo: latim vulgar – *apprendere* latim clássico – *discere* – português – aprender.

Destaca-se também outra característica importante do latim vulgar que permaneceu no português, é a preferência por palavras compostas, diferente do latim clássico que optava por palavras simples.

Na morfologia havia uma tendência para o uso de formas analíticas, que ocorria através do emprego de pronomes demonstrativos e do numeral *unus* com o valor de determinativo, que seria o artigo definido e indefinido.

Exemplo: latim clássico – *liber* latim vulgar – *illu libru* ou *unu libru*

Usavam também a forma analítica para os graus dos adjetivos, ou seja, enquanto o latim clássico formava os comparativos e superlativos de maneira sintética, por sufixos. O latim vulgar usava as formas analíticas, isto é, mediante advérbios antepostos ao adjetivo.

Ouve mudanças também na sintaxe, podemos observar no latim vulgar o uso das preposições com a consequente redução das desinências casuais. Enquanto o latim clássico utilizava as desinências para exprimir a função sintática das palavras, o latim vulgar optava por eliminá-las evidenciando as relações das palavras por meio de preposições.

1.1 O latim na península ibérica

Segundo Assis (2011), antes do domínio romano, os povos que habitavam a Península eram numerosos e apresentavam diversidades de línguas e culturas. Havendo duas camadas de população, uma mais antiga chamada de Ibérica e outra mais recente os Celtas, existindo também outras camadas de povos que se fixaram na região da PI.

De acordo com Assis (2011), a invasão dos celtas na Península aconteceu a partir do século VIII a.C., e teve grande influência que durou até a conquista dos romanos, havendo uma mistura de celtas e iberos dando origem a povos celtiberos. Atendendo um pedido de socorro feito pelos povos celtiberos, para deter a expansão dos cartagineses que tinham se instalado na península e formado colônias comerciais juntos com outros povos, os romanos no século III a.C., decidem invadir o território e dominar as terras.

“Com as Guerras Púnicas – luta entre romanos e cartagineses –, a PI passou para o domínio de Roma”, após a guerra os lusitanos povo de origem céltica ainda resistiam aos romanos, porém, com um tempo os celtiberos acabaram adotando a língua e os costumes dos romanos (ASSIS, 2011, p 115.).

Com o domínio dos romanos na PI, eles implantaram facilmente sua civilização. Organizaram serviços como: comércios, correios, serviços militares e construíram escolas. Impondo o latim como língua oficial, ele passou a servir de veículo para uma cultura mais avançada, fazendo com que a língua e os costumes romanos fossem facilmente associados. Diante disso a PI chegou ao século V d.C. completamente romanizada, e pertencendo ao Império Romano tanto em termos políticos como linguísticos.

Figura 1 - Mapa da Hispânia Citerior e Hispânia Ulterior



Fonte: Google (2019)¹.

Nesse contexto, a romanização da PI foi determinada por diferentes aspectos, como a dispersão das tribos e o prestígio de Roma. Para Assis (2011), esse período pode ser dividido em três fases, que consistem: em um momento inicial de expectativa, em que as diferentes culturas se confrontam; uma fase intermediária de marginalidade, em que há participação nas duas culturas, fase de bilinguismo; por último, a vitória da cultura romana, em que ocorre a romanização.

Assim, a formação da LP foi totalmente influenciada pela inserção do latim na PI “a implantação do latim na Península Ibérica constituiu um fator decisivo para a formação da língua portuguesa, e ocorreu no século II a.C.” (ASSIS, 2011). Após longas lutas os romanos foram conquistando gradativamente a Península e impondo sua civilização e sua língua, o latim foi se instalando e aos poucos fez com que desaparecesse as demais línguas existentes.

Por volta do século V d.C., com a queda do Império Romano e com a Península totalmente latinizada, nessa fase de misturas a língua apresentava uma mesclagem de características celtas e ibéricas, era o que constituía o novo vocabulário.

¹ Disponível em: <https://www.google.com/search?q=mapa+hispania+ulterior+e+citerior&tbm>. Acesso em: 05 nov 2019.

Assis (2011) mostra que o vocabulário grego ele pode ser dividido em quatro grupos, que são as palavras da época da colonização grega, palavras que foram incorporadas através do Cristianismo, palavras que vem do árabe, palavras de origem medieval que vieram através das línguas românicas e palavras que vieram da ciência e da tecnologia.

Com a língua latina já bastante modificada, houve a invasão dos bárbaros e dos árabes, depois de muita luta e resistência de uns povos em relação a outros o território foi dominado pelos visigodos que foi até 711. Com o domínio visigodo a unidade romana rompeu-se, os povos visigodos fundiram-se com os romanos e adotaram o cristianismo como religião.

“Rodrigo, o último rei godo, lutou até 711 contra a invasão dos árabe, defendendo a religião cristã, tendo como língua o latim vulgar na sua feição hispano-românica”, mesmo com a luta do rei contra a invasão árabe, no século XIII os árabes invadiram a Península, sendo portadores de um cultura e costumes diferentes, os árabes impõem a sua língua como oficial. Houve uma rejeição por parte dos povos peninsulares em aceitar a língua árabe como oficial. E mesmo com todas as mudanças sofridas pela língua latina com a influência de diferentes povos, ela continua sendo a língua oficial (ASSIS, 2011, p 118.).

“Inúmeras lutas se travam para a expulsão dos mouros do território peninsular. Nessas lutas, já em fins do século XI, muitos fidalgos vieram militar sob a bandeira de D. Afonso VI, rei de Leão e Castela” (CARVALHO E NASCIMENTO, 1981, p 22.).

Após diversos confrontos e lutas para expulsar os mouros da península, só em 1128 quando D. Afonso Henriques confrontou em uma batalha contra as tropas de sua mãe, em uma luta conhecida como batalha de S Mamede, afirma-se assim a independência portuguesa face a Galiza.

Em 1139 acontece a batalha de Ourique, luta entre mulçumanos e portugueses. Antes que a batalha iniciasse, os soldados portugueses aclamam D. Afonso Henriques como rei de Portugal, acontecendo pela primeira vez um brado de nacionalismo, porém só em 1143 é dado o título de rei a D. Afonso Henrique e a independência do Condado Portucalense.

“Estava, assim, definitivamente fundado um novo reino – Portugal – e aparecia no mundo europeu uma nova nação – a portuguesa” (CARVALHO E NASCIMENTO, 1981, p 22.).

O reino de Portugal foi fundado em uma região, onde falava-se o galego-português, língua utilizada por Galiza e Portugal. A medida que Portugal evoluía e estendia seu domínio, absorvendo falares que existiam, iam se criando as diferenciações linguísticas, entre o falar dos galegos e dos português, um permaneceu estacionário e o português evoluiu a ponto de torna-se independente.

O galego-português também era conhecido como galaico-português ou português antigo, e consolidou-se como língua falada e escrita da Lusitânia. A separação entre o galego e o português começou com a independência de Portugal, em 1185, efetivou-se com a expulsão dos mouros em 1249 e a derrota dos castelhanos em 1385. O galego, então, foi absorvido pelos castelhanos e o português, cada vez mais foi se tornando a língua oficial de Portugal.

O dialeto Gazeliano, que após a fundação de Portugal passou a ser GALAICO-PORTUGUES, é exatamente nessa língua que foi escrito o primeiro documento da nossa literatura, a Cantiga da Ribeirinha.

Autor: Paio Soares de Taveirós

Data: 1189, segundo a Dra. Carolina Michaelis de Vasconcelos.

Dedicação: A D. Maria Pais Ribeiro, por alcunha “A Ribeirinha”, amante de D. Sancho I. (CARVALHO E NASCIMENTO, 1981, P. 24)

Figura 2 - Cantiga de Ribeirinha

Cantiga da Ribeirinha

No mundo non me sei parelha,
mentre me for' como me vai,
ca ja moiro por vós - e aí!
mia senhor branca e vermelha,
Queredes que vos retraia
quando vos eu vi em saia!
Mao dia me levantei,
que vos enton non vi fea!

E, mia senhor, des aquel di', aí!
me foi a mi muin mal,
e vós, filha de don Paai
Moniz, e ben vos semelha
d'haver eu por vós guarvaia,
pois eu, mia senhor, d'alfaia
Nunca de vós ouve nem ei
valía d'ua correa.

No mundo ninguém se assemelha a mim
enquanto a vida continuar como vai,
porque morro por vós, e aí!
minha senhora alva de pele rosadas,
quereis que vos retrate
quando eu vos vi sem manto.
Maldito dia que me levantei
E não vos vi feia

E minha senhora, desde aquele dia, aí!
tudo me foi muito mal
e vós, filha de Don Paio
Moniz, e bem vos parece
de ter eu por vós guarvaia
pois eu, minha senhora, como presente
Nunca de vós recebera algo
Mesmo que de ínfimo valor.

Fonte: *Google* (2019)².

A Cantiga de Ribeirinha foi o primeiro texto escrito na linguagem galego português, e considerado o primeiro documento da nossa literatura. Texto escrito e dedicado a D. Maria Pais Ribeiro, amante de D. Sancho. I.

²Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/cantiga-de-ribeirinha-literatura-portuguesa/32033>. Acesso em: 05 nov 2019.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O SURGIMENTO DA LINGUA PORTUGUESA

A LP é atualmente a quinta língua mais falada, tendo sua origem no latim, e especial do latim vulgar língua levada para a Península pelos romanos, era a modalidade do latim utilizada por pessoas de classe baixa, pessoas menos favorecidas e pelos soldados comerciantes na linguagem oral.

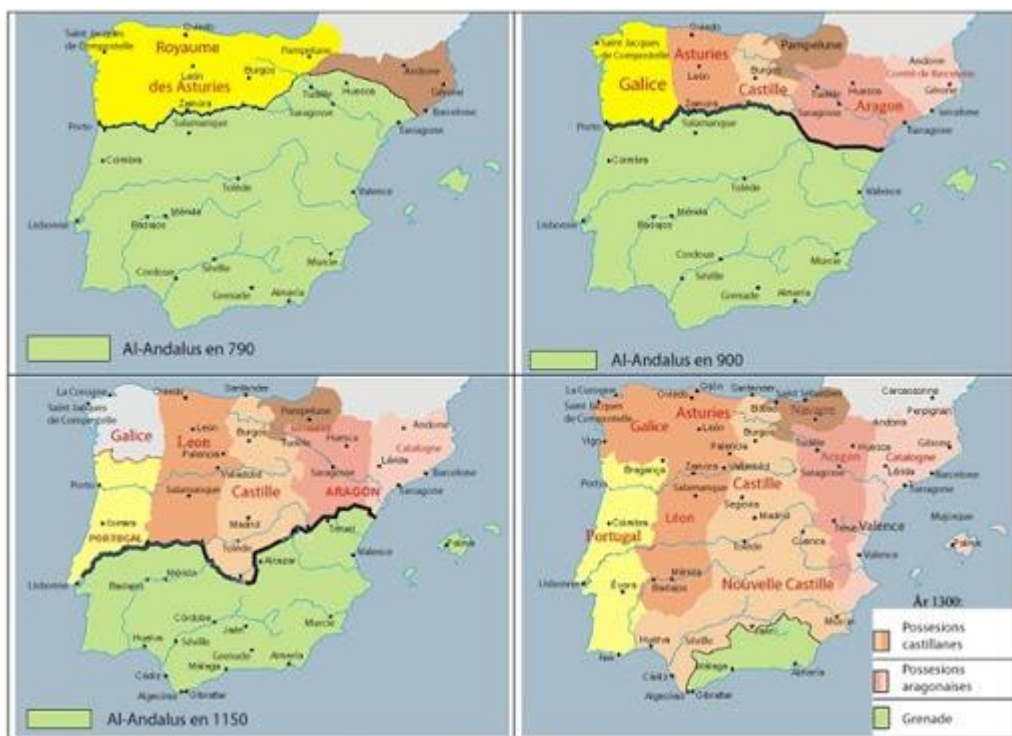
O português é de origem neolatina, também conhecida como língua românica. Sabido que nossa língua vem da língua levada pelos romanos para a península, que com o passar do tempo e a mistura de povos e culturas deu origem a língua que usamos e falamos hoje, por esse motivo há uma relação entre a sua história e da península.

“A língua portuguesa é um prolongamento do latim levado pelos romanos a Península Ibérica. Por esse motivo há uma inter-relação entre o seu histórico e a história da Península” (CARVALHO E NASCIMENTO, 1981, p 19.).

Após as lutas de vários povos e misturas de culturas e línguas, e com a conquista do império romano, ele teve um poder de expansão cada vez maior e com isso sua língua se espalhou por toda a PI. O desenvolvimento da língua não aconteceu só pelos romanos, mas com a influência de outros povos como os bárbaros germânicos, e também pelos árabes que deixaram uma forte marca cultural e linguística.

A invasão árabe em 711, causou um processo de reconquista cristã, que partiu do norte para o sul da península Ibérica, após a expulsão dos árabes a língua falada no Condado da Galiza, o galego-português também era conhecido como galaico-português ou português antigo, e consolidou-se como língua falada e escrita da Lusitânia. A separação entre o galego e o português começou com a independência de Portugal, em 1185, efetivou-se com a expulsão dos mouros em 1249 e a derrota dos castelhanos em 1385. O galego, então, foi absorvido pelos castelhanos e o português, cada vez mais foi se tornando a língua oficial de Portugal.

Figura 3 - Mapa da Cronologia e Reconquista Cristã



Fonte: *Google* (2019)³.

Como abordado por Ismael Coutinho, à medida que Portugal estendia seu domínio a língua também evoluía e se modificava, dividindo-se em uma língua que estacionou, o galego e o português que evoluiu e tornou-se uma língua independente, ou seja, temos duas línguas diferentes que evoluiu do galego-português.

Estima-se que o português tenha surgido entre os séculos IX e XII. Existem documentos escritos em português, datados do século XIII, como o Testamento de Afonso II. Foi nesse século que D. Dinis, rei de Portugal, oficializou o português como a língua que deveria ser usada em todos os documentos administrativos do reino, em detrimento do latim. Passa, assim, a haver um português historicamente documentado.

³Disponível em:
<https://www.google.com/search?q=mapa+da+cronologia+da+reconquista+cris%C3%A3&tbm>. Acesso em: 10 nov 2019.

Na evolução da língua portuguesa podemos destacar três fases segundo Carvalho e Nascimento (1981): pré-histórica, proto-histórica e histórica.

Fase Pré-Histórica – começa com as origens da língua e vai até o século IX. Do século V ao IX temos o que se chamou de romance lusitânico. Fase Proto-Histórica – estende-se do século IX ao XII. Nesta fase encontra-se, nos documentos redigidos em Latim Bárbaro, palavras portuguesas. Portanto a língua já era falada, mas não era escrita. Fase Histórica – inicia-se no século XII e se estende até nossos dias (p 25).

Ou seja, a evolução do português se deu em algumas fases, fases essas que vão do seu surgimento até a sua oficialização como língua falada e escrita. A fase histórica ela se divide em dois momentos: o Português Arcaico momento esses que aparece o primeiro texto totalmente redigido em português. É a “Cantiga de Ribeirinha” que foi escrito por Paio Soares á D. Maria Paes. Podemos conhecer o português arcaico em poesias trovadorescas, e ainda em na prosa de cronistas como Fernão Lopes, Gomes Eanes Zurara, Rui de Pina.

E posteriormente em 1290, D. Dinis, torna obrigatório o uso da LP, e funda, em Coimbra a primeira universidade. No período do português moderno houve um processo de aperfeiçoamento e enriquecimento linguístico, voltando a imitação de modelos latinos, e procurando aproximar a LP da língua mãe. Surge então em 1572 a obra de Luís de Camões, “Os lusíadas” ficando marcado como o maior monumento literário e linguístico. E em 1536 surge a publicação da primeira gramática da LP.

Com a expansão marítima portuguesa, o português é levado a todas as colônias portuguesas, chegando, assim, ao Brasil em 1500. Com a presença da LP em território brasileiro e com a catequização dos índios pelos jesuítas, várias línguas indígenas perderam força, chegando mesma a desaparecer. Não deixaram, contudo, de influenciar grandemente o português atualmente falado no Brasil, como o tupinambá, da família tupi-guarani. Também as línguas africanas provenientes do tráfico de escravos influenciaram grandemente a língua.

As primeiras palavras portuguesas, que temos conhecimento, surgiram por volta do século IX, registradas em peças de utilidade, documentos e/ou monumentos, porém, o primeiro documento real e datado, escrito em português é o “Testamento de D. Afonso II” (século XIII). O texto é datado no ano de 1214, com data provável de 27 de junho, o qual segue transcrito:

En o nome de Deus. Eu rei don Afonso pela gracia de Deus rei de Portugal. seendo s ano e saluo. teñete o dia de mia morte. a saude de mia alma. e a proe de mia molier r aina dona Orraca. e de meus filios. e de meus uassalos. e de todo meu reino fiz mia mãda per que de pos mia morte. mia molier e meus filios e meu reino. e meus uassalos. e todas aquelas cousas que Deus mi deu en poder. sten en paz e en folgãcia. Primeiramente mãdo que meu filio infante don Sancho que ei da raina dona Orraca agia meu reino entregamente e en paz. e ssi este for morto sem semmel: o maior filio que ouue r da raina dona Orraca: agia o reino entregamente e en paz. e ssi filio barõ nõ ouermos: a maior filia que ouermos: agia o. e ssi no tẽpo de mia morte meu filio ou mia filia que deiuer a reinar nõouuer reuora: segia en poder ra raina sa madre e meu reino segia en poder d a raina e de meus uassalos ata quando agia reuora. e ssi eu for morto: rogo ao aposto oligo, come padre e senior e beigio a terra ante seus péés que el receba em sa comẽda. e so seu difindemẽto a raina e meus filios. e o reino. e ssi eu e a raina formos mor tos: rogoli e pregoli que os meus filios e o reino segiã em as comẽda⁴.

Percebemos no documento diferenças na grafia das palavras, em relação ao português atual. Ao lermos essa carta é possível entendê-la em alguns pontos e ficar com dúvidas em outros, isso comprova que a língua evoluiu consideravelmente.

Segundo Assis (2011), no início do século XV ocorreram outros fatos históricos em Portugal. Alguns acontecimentos como a crise da dinastia, a depressão econômica, o declínio das zonas rurais, e o crescimento da burguesia urbana se integram à peste, fome e guerra que destruiu a Europa. Em 14 de agosto de 1384, na Batalha de Aljubarrota, após várias passagens no comando do reino em Portugal e revolta do povo em relação a esses reinados, a população manifestou apoio ao Mestre de Avis, também conhecido como D. João I, e então ele foi aclamado o novo rei de Portugal, dando origem a uma nova dinastia. Para ajudar nessa nova dinastia era necessário que o reino se consolidasse e, para isso, foram promovidas inovações sociais e culturais em Portugal, como a criação de bibliotecas e escolas, contratações de letrados, professores e escrivães na corte e nas residências dos burgueses mais ricos da época. Foram também criadas instituições como o Mosteiro de Alcobaça e o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, que tiveram papel importante na difusão da cultura.

⁴ Disponível em: <http://faseshistoricasdalp.wordpress.com/category/ellen/portuquesarcaico/>). Acesso em: 15 nov 2019.

Em 1500, com o descobrimento do Brasil e seu conseqüente processo de colonização pelos portugueses. Em 1536, Fernão de Oliveira escreveu o livro “Gramatica da linguagem portuguesa” e em 1540, João de Oliveira escreveu “Gramática da Língua Portuguesa” (CASTRO, 1991). A produção escrita foi ampliada sensivelmente, assim com a reflexão sobre a constituição da LP. Todos esses fatos impulsionaram o idioma, do período clássico ao moderno, e vemos que a LP no Brasil, atualmente, é um veículo interativo de mais de duzentas milhões de pessoas.

A LP, no Brasil, traçou um longo caminho desde o início do século XVI, devido à colonização do índio e pela concorrência de outras línguas europeias, como a espanhola, a francesa e a holandesa. Efetivamente, só a partir de 1532, quando houve a implantação das capitâneas hereditárias, foi que a colonização do Brasil se iniciou de fato. A LP, trazida ao Brasil pelos portugueses no século XVI, foi aos poucos adquirindo características particulares face ao português de Portugal.

De acordo com Silva Neto (1988), muitos estudiosos consideram que a língua falada pelos colonizadores era uma língua comum, nivelada por fatos históricos, sem predomínio de um falar regional. Quando os portugueses chegaram ao Brasil, encontraram uma terra povoada, e esses habitantes foram denominados índios, pois os viajantes pensaram ter chegado às Índias, seu destino original. Os habitantes da terra detinham uma grande diversidade linguística, algo em torno de trezentas e cinquenta línguas diferentes. De acordo com Rodrigues (1983, p. 23):

Os tupis, habitantes do litoral, denominados genericamente de Tupinambás, foram os que mais conviveram com os brancos. Eles falavam principalmente o tupi, uma espécie de segunda língua para os não tupis. Esses últimos eram conhecidos como Tapuias ou Nheengaibas (língua ruim), denominação atribuída pelos jesuítas, que não reflete a diversidade desses povos. Eram línguas travadas, bem mais complexas que o tupi e conservadas por muitos deles.

2.1 O contato do latim com outras línguas da Península

A formação histórica do português tem como antecedente um longo processo de diferenciação do latim que conduziria à formação dos romances peninsulares e à formação do galego-português, em particular. Tal processo, porém, tem, ele próprio, antecedentes que importa considerar, na medida em que, antes de se falar Latim na

PI, aí se falavam muitas outras línguas que poderão ter influenciado, em maior ou menor grau, o Latim e, conseqüentemente, as novas línguas que a partir dele se viriam a formar.

À chegada dos Romanos, o mapa linguístico da PI apresentava efectivamente uma grande complexidade, motivada pelos muitos e diferentes povos e línguas que para aí tinham convergido ao longo dos séculos, provenientes do Norte, através dos Pirinéus, do Cáucaso e de outras zonas da Europa (proto-bascos, celtas) ou do Sul, através das costas meridionais, do norte de África e do próximo Oriente (tartéssios, iberos, fenícios).

Na situação de contacto linguístico que então se criou, as línguas pré-romanas da Península terão seguramente influenciado o latim desta região do Império, o que configura um fenómeno que tem sido designado como Substrato, entendendo-se como tal o nome que se dá à língua (e/ou às suas características remanescentes) de um povo que é abandonada, neste caso as línguas que existiam na Península à chegada dos romanos, em proveito de outra, neste caso o Latim, que a ela se impõe, geralmente como consequência de uma conquista política, como foi, aqui, o caso, assumindo, no entanto, como resultado do contacto linguístico, algumas das suas características (CÂMARA, 1975).

Figura 4 - Mapa de Povos Pré-Romanos da PI



Fonte: *Google* (2019)⁵.

As fontes que atestam, hoje, as possíveis influências de substrato no latim da PI, ainda que muito escassas, são diversificadas:

- inscrições;
- topónimos;
- antropónimos;
- vestígios arqueológicos;
- notícias históricas.

As influências identificadas a partir deste tipo de fontes são visíveis essencialmente:

- no léxico comum, como é o caso de ‘chaparro’, atribuído ao substrato ibero;
- e em topónimos, como ‘Conimbriga’, atribuído ao substrato celta.

No entanto, as chamadas “teses” de substrato – que explicam a individualização do português como consequência do contacto do latim com línguas pré-romanas colocam actualmente muitas dúvidas, o que se justifica, no essencial, pela insuficiência de dados que permitam uma adequada caracterização das línguas pré-romanas da Península e das condições específicas do seu contacto com o latim. Como consequência desse contato dos romanos com os povos nativos a língua se modificou tanto na fala como na escrita.

2.2 Considerações sobre o surgimento da ortografia

Trabalhar a ortografia sob uma abordagem reflexiva vem sendo uma questão bastante discutida no âmbito escolar, uma vez que muitas são as dúvidas dos alunos, que chegam a ver a ortografia como uma “vilã” das aulas de português. É inegável também que haja descaso por parte de muitos professores de LP quando o

⁵ Disponível em:

<https://www.google.com/search?q=mapa+de+povos+pre+romanos+e+as+linguas+dA+IBERICA>.
Acesso em: dia mês abreviado ano.

assunto é ensinar ou discutir sobre ortografia. Tudo isso acontece porque a ortografia muitas vezes é vista, por alunos e até por professores, como uma forma de avaliar, cobrar e punir.

Para Morais (2002) e Cagliari (2002), dentre outros estudiosos do ensino-aprendizagem de ortografia, os educadores precisam sempre estar revendo as atitudes que têm ou tomam para com os erros ortográficos dos alunos. Tais profissionais devem ter o cuidado de não tornar a questão da ortografia mais grave, ao confundir a competência textual do aluno, quando este é avaliado, com seu rendimento ortográfico. A partir disso, pode-se reconhecer a importância de equilibrar estas duas vertentes: produzir textos e dominar a ortografia. Para isso, o indivíduo que está no processo de aprendizagem precisa compreender a ortografia como uma convenção que tem por objetivo uniformizar a escrita e facilitar a comunicação escrita. Segundo Morais (2002, p. 19), “a ortografia funciona assim como um recurso capaz de cristalizar na escrita as diferentes maneiras de falar dos usuários de uma mesma língua.”

A ortografia é, portanto, uma convenção social. Estudiosos definem, de tempos em tempos, a melhor maneira de escrever as palavras - de acordo com objetivos diversos, como o de unificar a maneira de diferentes povos escrever ou para tornar a escrita mais lógica etc.

A história da ortografia portuguesa pode ser dividida em três períodos. O primeiro, denominado fonético, começa com o aparecimento dos primeiros textos escritos em língua portuguesa, no século XII, e vai até o século XVI; o segundo, chamado de pseudoetimológico, estende-se do século XVI até o início do século XX; o terceiro, conhecido como histórico-científico ou simplificado, inicia-se em 1911, com a reforma ortográfica em Portugal.

Período Fonético:

O período fonético coincide com a fase arcaica da LP e caracteriza-se pela preocupação de escrever as palavras em harmonia com sua pronúncia. Nessa fase, havia falta de sistematização e até de coerência, já que o mesmo sinal gráfico era usado, às vezes, com valores diferentes.

Por exemplo, o h podia indicar a tonicidade da vogal (he = é), marcar a existência de um hiato (trahedor = traidor; cahir = cair), substituir o i (sabha = sabia) ou ainda

figurar sem função definida (hobra = obra; honde = onde). Além disso, uma mesma palavra aparecia grafada de maneiras distintas (havia ou avia; hidade, idade ou ydade; hoje, oje ou oye).

Apesar das vacilações, a simplicidade e, principal mente, o sentimento fonético estavam presentes na grafia do português arcaico.

Período pseudoetimológico:

O período pseudoetimológico tem início no Renascimento e caracteriza-se pela preocupação com a etimologia, com a origem das palavras. O humanismo renascentista trouxe o eruditismo, a pretensão de imitar os clássicos gregos e latinos. Dentro desse espírito, tornaram-se correntes as grafias com ch (= [k]), ph, rh, th e y em palavras do grego ou de suposta origem grega (chimica, pharmacia, rheumatismo, theatro, martyr), o emprego de ct, gm, gn, mn e mpt nas palavras de origem latina (fructo, augmento, digno, damno, prompto) e a duplicação de consoantes que se haviam reduzido a simples na evolução do idioma (approximar, abbade, bocca).

Muitas grafias da época eram equivocadas, contrariando a etimologia e a evolução da língua – motivo pelo qual o segundo período da ortografia portuguesa é denominado pseudoetimológico. A palavra tesoura, por exemplo, aparecia como thesoura, por sugestão de thesaurus > tesouro, quando o étimo é tonsoria.

Sob o pretexto de uma ortografia etimológica, acentuavam-se a falta de uniformidade na grafia e o desacordo entre a língua falada e a escrita – cada escritor tinha suas ideias e sua maneira de ortografar. Assim, a grafia das palavras complicava-se e multiplicava-se.

Período histórico-científico ou simplificado:

O período histórico-científico ou simplificado é marcado pelo desejo de normatizar e simplificar a grafia das palavras, e também de aproximar as normas ortográficas de Brasil e Portugal e, mais recentemente, de todos os países de língua portuguesa. É o período das reformas e dos acordos ortográficos. O sistema simplificado busca orientar-se pela pronúncia, assim como o sistema fonético, mas leva em conta também a etimologia.

A partir de 1868, graças aos estudos de Adolfo Coelho, tornou-se possível enfrentar, com base científica, o problema da ortografia portuguesa. No entanto, o grande renovador foi Gonçalves Viana, que publicou, em 1904, a obra *Ortografia nacional*, ponto de partida para passos posteriores rumo à simplificação da ortografia. Os princípios de Gonçalves Viana, originalmente propostos em 1885, eram os seguintes:

- 1) proscricção absoluta e incondicional de todos os símbolos de etimologia grega: th, ph, ch (= [k]), rh e y;
- 2) redução das consoantes dobradas a singelas, com exceção de rr e ss mediais, que têm valores peculiares;
- 3) eliminação de consoantes nulas que não influam na pronúncia da vogal precedente;
- 4) regularização da acentuação gráfica.

Diante da repercussão da obra *Ortografia nacional*, o governo português nomeou, em 1911, uma comissão para estudar as bases da reforma ortográfica. A “nova ortografia” foi oficializada em setembro de 1911 pelo governo português.

Somente em 1931 foi assinado um Acordo entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia das Ciências de Lisboa, com base na ortografia oficial portuguesa estabelecida em 1911. Contribuíram para essa unificação alguns ilustres filólogos brasileiros, entre os quais Antenor Nascentes, Mário Barreto, Silva Ramos e Sousa da Silveira. O Acordo de 1931 foi oficializado em Portugal e no Brasil.

Em 1943, há um novo entendimento entre os dois países, e a academia brasileira de letras publica o primeiro livro de ortografia da LP, cuja ortografia é utilizada até os dias de hoje. Esse sistema ortográfico veio dar soluções a várias indecisões ortográficas, dentre elas temos:

O emprego do h, ele não tem valor fonético na língua portuguesa como já não tinha no latim, só o empregamos em dois casos: como componente de um dígrafo: ch, lh, nh e nos compostos em que o segundo elemento, com h inicial se une ao primeiro por meio de hífen.

Exemplo: mancha, malha, vinha, pré-história, super-homem.

O emprego do ch, é resultado da evolução fonética dos grupos latinos pl, cl, fl.

Exemplo: pluvial > chuva, masculu > masclu, afflare > achar.

O x português corresponde:

A) Ao x latino: coxu > coxo, laxare > deixar, examen > exame.

B) À palatização do s em grupos como ssi ou sce: passione > paixão, rurreu > roxo, pisce > peixe.

A ortografia de 1945 entrou em vigor em Portugal em 10 de janeiro de 1946, e a Academia das Ciências de Lisboa publicou o Vocabulário ortográfico resumido da língua portuguesa em 1947. No Brasil, entretanto, continuou a ser adotada a ortografia de 1943, consubstanciada no Pequeno vocabulário ortográfico da LP (1943), da Academia Brasileira de Letras.

O último acordo, que visa padronizar a ortografia da LP, foi assinado em 1990 entre Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe, países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP).

No Brasil, o acordo foi ratificado em setembro de 2008 e as novas regras já estão em uso, embora em caráter não obrigatório, desde 1º de janeiro de 2009. A princípio, as medidas seriam aplicadas de modo obrigatório a partir de janeiro de 2013, mas o governo brasileiro, após consultas a envolvidos no processo, preferiu dar mais tempo para a implantação até 2016.

Ocorrendo algumas mudanças no alfabeto no aumento das letras, k w e y. Somem da ortografia em algumas palavras o trema, o acento diferencial, o acento agudo o o acento circunflexo e o uso do hífen. Acordo que utilizamos até hoje.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de educação trazem um documento que mostra como deve ser o ensino de educação e deveres e objetivos que devem ser alcançados pelos alunos, como: posicionar-se de maneira crítica, compreender a cidadania e a vida política e social entres outros. Além disso, aborda alguns pontos importantes sobre o ensino de ortografia.

De modo geral, o ensino da ortografia dá-se por meio da apresentação e repetição verbal de regras, com sentido de “fórmulas”, e da correção que o professor faz de redações e ditados, seguida de uma tarefa onde o aluno copia várias vezes as palavras que escreveu errado. E, apesar do grande investimento feito nesse tipo de atividade, os alunos — se bem que capazes de “recitar” as regras quando

solicitados — continuam a escrever errado. Ainda que tenha um forte apelo à memória, a aprendizagem da ortografia não é um processo passivo: trata-se de uma construção individual, para a qual a intervenção pedagógica tem muito a contribuir. De acordo com os PCNs é importante que as estratégias didáticas para o ensino da ortografia se articulem em torno de dois eixos básicos:

- o da distinção entre o que é “produtivo” e o que é “reprodutivo” na notação da ortografia da língua, permitindo no primeiro caso o descobrimento explícito de regras geradoras de notações corretas e, quando não, a consciência de que não há regras que justifiquem as formas corretas fixadas pela norma; e
- a distinção entre palavras de uso frequente e infrequente na linguagem escrita impressa.

Em função dessas especificidades, o ensino da ortografia deveria organizar-se de modo a favorecer:

- a inferência dos princípios de geração da escrita convencional, a partir da explicitação das regularidades do sistema ortográfico (isso é possível utilizando como ponto de partida a exploração ativa e a observação dessas regularidades: é preciso fazer com que os alunos explicitem suas suposições de como se escrevem as palavras, reflitam sobre possíveis alternativas de grafia, comparem com a escrita convencional e tomem progressivamente consciência do funcionamento da ortografia);
- a tomada de consciência de que existem palavras cuja ortografia não é definida por regras e exigem, portanto, a consulta a fontes autorizadas e o esforço de memorização.

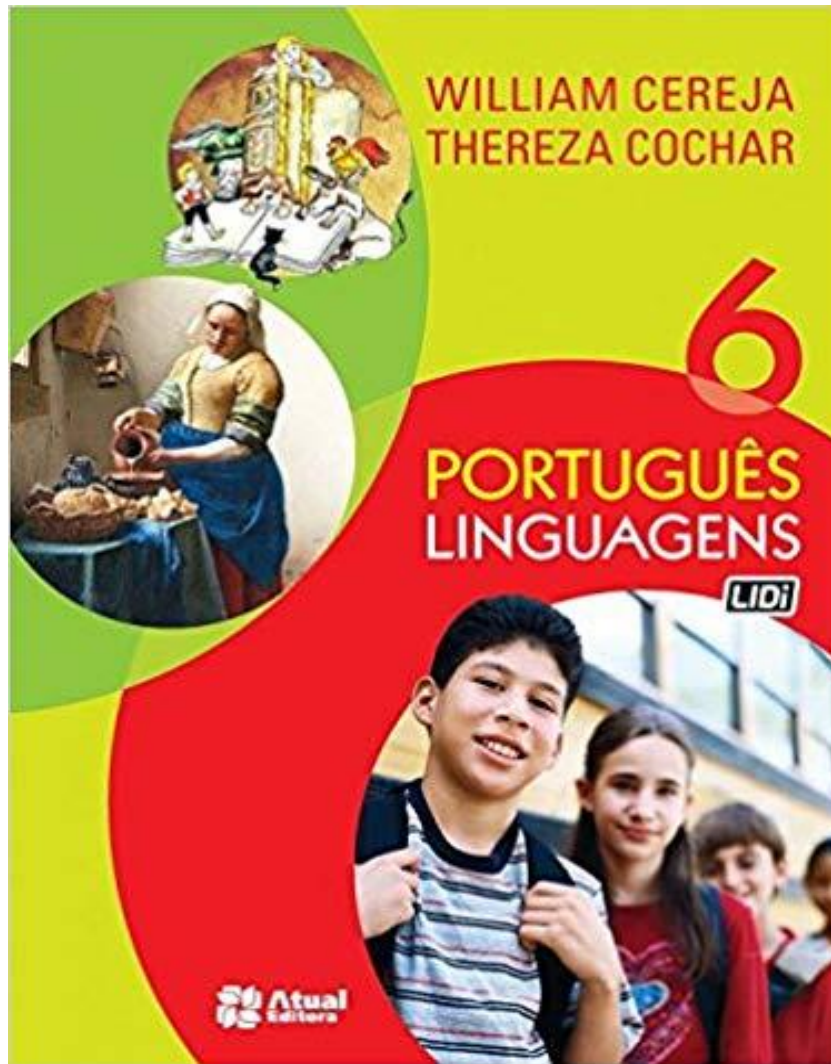
Como percebemos, a partir das orientações dos PCNS, observaremos a seguir como o LD apresenta o conteúdo sobre ortografia.

3 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO

Neste capítulo, será realizada uma análise do LD, do 6º ano do ensino fundamental, intitulado Português Linguagens, dos autores William Roberto Cereja e Tereza Cochar Magalhaes, exemplar do aluno.

Em relação à sua estrutura, é composto por quatro unidades, são elas: No mundo da fantasia; Crianças; Descobrindo quem sou eu; Verde adoro ver-te. E cada unidade sendo subdivida em três capítulos. É composto por duzentas e setenta e duas (272) páginas em sua totalidade. Abaixo, seguem as figuras a demonstrar como estão dispostos os conteúdos no material, unidades, capítulos e sessões com seus respectivos títulos. Dessa forma, torna-se possível observá-lo, bem como as suas devidas propostas de leitura, escrita, oralidade e análise linguística.

Figura 5 - Capa do LD



Fonte: Cereja e Cereja (2015).

Figura 6 – Sumário: Unidade 1

SUMÁRIO

UNIDADE 1 No mundo da fantasia

CAPÍTULO 1 Era uma vez



As três penas, Jacob Grimm	12
Estudo do texto	14
Compreensão e interpretação	14
A linguagem do texto	16
Cruzando linguagens	17
Trocando ideias	19
Produção de texto	19
O conto maravilhoso	19
A língua em foco	22
Linguagem: ação e interação	22
Linguagem verbal e linguagem não verbal	23
Os interlocutores	23
A língua	24
A linguagem e os códigos	25
O código linguístico na construção do texto	27
Semântica e discurso	28
De olho na escrita	29
Fonema e letra	29
Divirta-se	31

CAPÍTULO 2 Pato aqui, pato acolá



O patinho bonito, Marcelo Coelho	32
Estudo do texto	34
Compreensão e interpretação	34
A linguagem do texto	35
Leitura expressiva do texto	36
Trocando ideias	36
Ler é um prazer	37
Produção de texto	38
A língua em foco	39
As variedades linguísticas	39
Norma-padrão e variedades de prestígio	40
Variação linguística e preconceito social	41
Falar bem é falar adequadamente	41
Tipos de variação linguística	42
As variedades linguísticas na construção do texto	47
Semântica e discurso	49
Divirta-se	50

Fonte: Cereja e Cereja (2015).

Figura 7 – Sumário: Continuação da Unidade 1 / Unidade 2

CAPÍTULO 3		Ô princesa! Jogue-me suas...	
 	Cartum, Mordillo		51
	Produção de texto		53
	O conto maravilhoso: do oral para o escrito		
	e do escrito para o oral		53
	Do oral para o escrito		53
	Do escrito para o oral		53
	Para escrever com expressividade		55
	O dicionário: palavras no contexto		55
	A língua em foco		59
	Texto, discurso, gêneros do discurso		59
A intencionalidade discursiva		60	
Os textos e os gêneros do discurso		61	
A intencionalidade discursiva na construção do texto		63	
Semântica e discurso		65	
Divirta-se		66	
Passando a limpo		67	
INTERVALO	Projeto: Histórias de hoje e sempre		71
UNIDADE 2			
Crianças			
CAPÍTULO 1		O fazendeiro da cidade	
	Menino de cidade, Paulo Mendes Campos		76
	Estudo do texto		78
	Compreensão e interpretação		78
	A linguagem do texto		79
	Leitura expressiva do texto		80
	Cruzando linguagens		81
	Trocando ideias		82
	Ler é reflexão		82
	Produção de texto		83
	História em quadrinhos (I)		83
A língua em foco		91	
O substantivo		91	
Classificação dos substantivos		93	
O substantivo na construção do texto		96	
Semântica e discurso		97	
Divirta-se		98	

Fonte: Cereja e Cereja (2015).

Figura 8 – Sumário: Continuação da Unidade 2

CAPÍTULO 2 Entre irmãos	
	A mala de Hana, Karen Levine 99
	Estudo do texto 100
	Compreensão e interpretação 100
	A linguagem do texto 101
	Leitura expressiva do texto 102
	Trocando ideias 102
	Produção de texto 102
	História em quadrinhos (II) 102
	A linguagem dos quadrinhos 102
	Para escrever com adequação 108
	O diálogo 108
	A língua em foco 111
	O adjetivo 111
	Classificação dos adjetivos 113
	O adjetivo na construção do texto 114
	Semântica e discurso 115
	De olho na escrita 116
	Dígrafo e encontro consonantal 116
	Divirta-se 118
CAPÍTULO 3 Ensaios de vida	
	Cabra-cega, Giovanni Battista Torriglia 119
	Produção de texto 120
	História em quadrinhos (III) 120
	Como se faz uma história em quadrinhos 120
	A língua em foco 123
	Flexão dos substantivos e dos adjetivos: gênero e número 123
	Flexão dos substantivos 124
	Flexão dos adjetivos 128
	A flexão dos substantivos e dos adjetivos na construção do texto 129
	Semântica e discurso 129
	De olho na escrita 130
	Encontros vocálicos 130
	Divirta-se 132
	Passando a limpo 133
INTERVALO	Projeto: Quadrinhos: eu também faço! 136

Fonte: Cereja e Cereja (2015).

Figura 9 – Sumário: Unidade 3

UNIDADE 3		
Descobrimo quem sou eu		
CAPÍTULO 1 No frescor da inocência		
 <p>Ilus. Elizabeth A. L. Lagy Copyright: Illustration: Elizabeth A. L. Lagy</p>  <p>Marcos G. J. Lima</p>	Banhos de mar, Clarice Lispector 140 Estudo do texto 142 Compreensão e interpretação 142 A linguagem do texto 144 Leitura expressiva do texto 144 Trocando ideias 144 Ler é diversão 145 Produção de texto 146 O relato pessoal 146 A língua em foco 148 O grau dos substantivos e dos adjetivos 148 Grau dos substantivos 149 Grau dos adjetivos 150 O grau na construção do texto 152 Semântica e discurso 153 Divirta-se 154	
	UNIDADE	
	CAPÍTULO 2 O preço de pensar diferente	
	 <p>AFP/Getty Images</p>  <p>Tip: Ilustração</p>	<i>Eu sou Malala</i>, Malala Yousafzai 155 Estudo do texto 157 Compreensão e interpretação 157 A linguagem do texto 158 Cruzando linguagens 158 Trocando ideias 159 Produção de texto 160 A carta pessoal 160 O diário 162 Para escrever com expressividade 166 A descrição 166 A língua em foco 169 O artigo 169 Flexão e classificação dos artigos 170 O artigo na construção do texto 172 Semântica e discurso 173 De olho na escrita 175 Divisão silábica 175 Divirta-se 177

Fonte: Cereja e Cereja (2015).

O foco central da pesquisa está no conteúdo presente no 1º Capítulo da Unidade 1, nas páginas 29 a 31 que aborda o conteúdo sobre fonema e letra, no 2º e 3º Capítulo da Unidade 2, especificamente nas páginas 116 a 118 que vai tratar do dígrafo e o encontro consonantal e 132 a 133 com encontros vocálicos, e no 2º Capítulo da Unidade 3, nas páginas 175 a 177 abordando divisão silábica. Como observado nos conteúdos apresentados acima, a nossa pesquisa tem como foco principal a ortografia.

Ante o exposto apresentado acima, ainda é possível observar que, no LD, há menos de 16 páginas destinadas ao estudo da ortografia. Contudo, ele não traz apenas essa temática, apresenta também, por exemplo, os gêneros e a linguagem. Nesse momento, dar-se-á ênfase apenas ao conteúdo supracitado acima.

Na Unidade 1 no final do 1º Capítulo no ponto “De olho na escrita” que aborda o assunto fonema e letra, a princípio o autor traz um texto que é um anúncio e em seguida uma atividade que podemos observar na imagem as questões 1,2 e 3 aborda uma interpretação do texto, em seguida as questões 4 e 5 aborda sobre letras e sons. Porém, só depois o autor traz um resumo sobre sons e letras.


Adiante, os autores Cochar e Cereja (2015, p. 29-30) definem fonema como a menor unidade sonora de uma palavra falada e letra é a menor unidade gráfica de uma palavra. Porém, os autores não contextualizam deixando claro que os fonemas podem ser classificados em três grupos: vogais, semivogais e consoantes.

Figura 10 – Anúncio

de OLHO
na escrita

FONEMA E LETRA

Leia este anúncio:



(31ª Anúncio do Clube de Criação do São Paulo.)

1. Todo texto é produzido por alguém e para alguém; além disso, cumpre uma finalidade comunicativa.
 - a) Quem é o anunciante, no anúncio lido?
 - b) O que o anúncio promove ou divulga?
 - c) Levante hipóteses: Qual é o público-alvo desse anúncio?
2. Na frase "Faça de conta que o Masp está em Paris", o anunciante revela ter uma opinião sobre o turista brasileiro. Qual é ela?
3. No enunciado "Faça uma viagem. Visite o Masp", há ambiguidade, ou seja, há mais de um sentido possível. Quais são esses sentidos?
4. Pronuncie estas palavras do anúncio:

conta	que
-------	-----

 - a) Quantas letras cada uma delas apresenta?
 - b) Quantos sons cada uma delas tem?
5. Compare o som da letra **s** nas palavras **Masp** e **visite**. A letra **s** representa o mesmo som nas duas palavras? Por quê?

A unidade básica da comunicação verbal é a palavra, que pode ser dividida em unidades menores, como os sons e as sílabas.

Ao pronunciarmos a palavra **que**, produzimos dois sons: /k/ e /e/. Assim, embora essa palavra apresente na escrita três letras, na fala é constituída por apenas dois sons, já que as letras **qu** representam um único som: /k/. Na palavra **conta** ocorre algo semelhante. Embora tenha cinco letras, na escrita ela apresenta quatro sons, já que as letras **on** representam um único som nasal: /õ/.

As unidades sonoras que constituem uma palavra são chamadas de **fonemas**. Tradicionalmente, os fonemas são simbolizados entre barras inclinadas. Os fonemas da palavra **faça**, por exemplo, são /f/ /a/ /s/ /a/.

Fonema é a menor unidade sonora de uma palavra falada.

Figura 11 - Atividade

Observe agora a semelhança e a diferença entre estes pares de palavras:

faça	conta
faca	canita

Note que tanto em um par de palavras quanto em outro o número de letras e sons é igual. Apesar disso, as palavras que formam cada par apresentam diferenças de sentido entre si. O que determina isso é a oposição entre os fonemas /s/ e /k/, no primeiro par, e /ô/ e /ã/, no segundo par.

Assim, podemos concluir que o fonema exerce duas funções:

- constitui palavras, sozinho ou ao lado de outros fonemas;
- distingue uma palavra de outra.

Quando queremos representar na escrita os sons da fala, utilizamos as **letras**. Veja a correspondência entre fonemas e letras.

quiacabo	→ /kicesi/
ulhu	→ /olui/

Letra é a menor unidade gráfica de uma palavra.

EXERCÍCIOS

Leia a tira a seguir, de Ziraldo, e responda às questões de 1 a 3.



(As melhores tiradas do Menino Malquinho. São Paulo: Melhoramentos, 2004. p. 63.)

1. Observe as letras e os sons da palavra **Malquinho**.
 - a) Quantas letras essa palavra apresenta?
 - b) E quantos fonemas?
 - c) Que pares de letras dessa palavra representam um único som?
2. Na tira, há várias outras palavras nas quais um par de letras representa um único fonema. Quais são essas palavras? Quais são os pares de letras?

Figura 12 - Atividade (continuação)

3. A palavra **igual** apresenta a letra **l** no final. Na região em que você vive, como a letra **l** é pronunciada? Com o som de **u** ou com o som de **l** mesmo?

4. Leia estas palavras:

fixo	xampu	lógico	mexerica
pretexto	exótico	inexperiente	exibir

Em quais delas a letra **x** corresponde:

a) ao fonema:

- /f/ ("chê")?
- /s/ ("sê")?
- /z/ ("zê")?

b) aos fonemas /ks/?

5. Leia estas outras palavras:

conhecimento	sol	nascer	crença
mossa	cartaz	explosão	sumiço

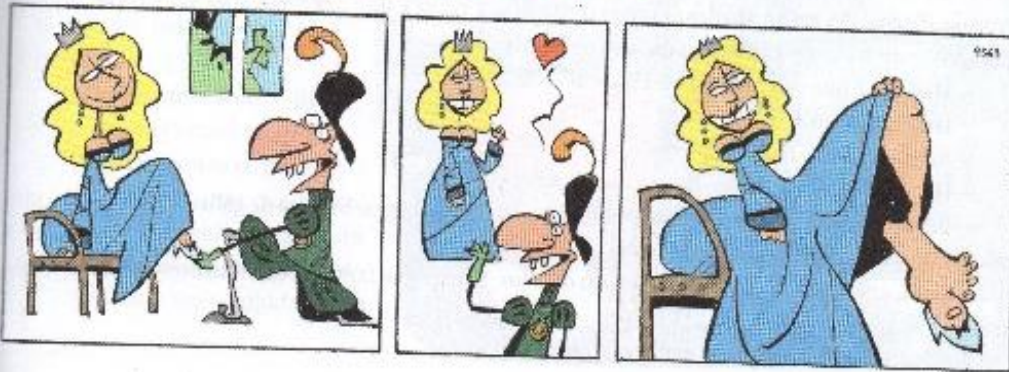
a) Reescreva-as e destaque em cada uma delas as letras que representam o fonema /s/ ("sê").

b) Conclua: Que letras representam o fonema /s/ ("sê")?

6. Com base nos exercícios anteriores, podemos chegar a três conclusões a respeito da relação entre os fonemas e as letras. Identifique os itens que expressam essas conclusões:

- a) Um fonema pode ser representado na escrita por uma ou por várias letras.
- b) Uma letra pode representar diferentes fonemas.
- c) Um fonema será sempre representado por uma única letra.
- d) Uma letra só pode representar um fonema.
- e) A letra **x** pode representar dois fonemas: /ks/.

Divirta-se



Fonte: Cereja e Cereja (2015, p. 31).

Na página seguinte 30 e 31 o autor propõe uma atividade para estudo mais relevante sobre fonema e letra. Que vai questionar através de uma tirinha de Ziraldo, a quantidade de letras e sons que algumas palavras apresentam, como também o uso de algumas palavras que apresentam sons diferentes como por exemplo: f (chê) s (sê) z (zê).

Diante disso, pelo que os autores abordam no livro pode-se perceber que fica sob responsabilidade do professor o momento de contextualização do assunto, de onde surgiu, porque o nosso português aborda tal assunto desse maneira. É um estudo mais específico e aprofundado dos sons das palavras.

Figura 13 – Dígrafo e Encontro Consonantal

Leia o texto:



Em 1991, o carioca Carlos Saldanha deixou o Brasil para fazer um curso de animação em Nova York. Destacou-se nas aulas e, ao contrário do que se espera, preferiu ser contratado por um estúdio pequeno a aceitar convites da Disney e da Pixar.

Membro da Blue Sky há 18 anos, ele é responsável por sucessos como [...] "A Era do Gelo" — o primeiro ele codirigiu — e pelo fenômeno "Rio", que arrecadou 470 milhões de dólares nas bilheterias [...].

Brasileiro de destaque neste mercado restrito, Saldanha conta como é trabalhar com animação e como o nosso mercado é visto lá fora:

Quando surgiu o interesse por animação?

Sempre tive interesse por desenho, arte, mas fazia isso como hobby. Quando fui optar por uma profissão, escolhi algo relacionado com informática, que eu também gostava muito. Mas, depois que comecei a trabalhar com computação, senti falta da arte. Foi então que vi vinhetas, comerciais de televisão e curtas que utilizavam computação e decidi correr atrás disso.

[...]

Longas de animação hoje em dia já concorrem ao Oscar de melhor filme. O estigma de que animação é apenas para crianças acabou? O público leva mais a sério esse tipo de produção?

Sem dúvida nenhuma. Hoje em dia, animação é brincadeira de gente grande. Nas bilheterias, os filmes de animação estão no topo da lista. São poucos os produtos de cinema que conseguem abranger quase todas as faixas etárias como as animações.

[...]

Quanto tempo em média se leva para fazer uma animação, desde o momento da idealização até o lançamento?

De três a quatro anos. Mesmo quando os recursos eram mais escassos, o período era o mesmo, porque, conforme a tecnologia vai te ajudando a eliminar limitações, você também começa a pensar mais alto. A rapidez com que os processos são feitos é compensada pelo aumento da criatividade.

Quais são as maiores influências para o seu trabalho?

São desenhos que eu vejo desde pequeno, como os clássicos da Disney. Costo muito de Pinóquio, Bambi e Dumbo. Até hoje também adoro Tom & Jerry. Assistio com minhas crianças. Mas duas grandes influências são Charles Chaplin e Buster Keaton, que atuavam no cinema mudo e conseguiam expressar sentimentos sem precisar falar nada.

[...]

Caroline Cicarelli/Acril Comunicações S/A.
<http://veja.abril.com.br/mc10/021a-os-sa-clinic-a-crocuzim-brasil-re-pou-co-curriculo-e-fora/>



60. O filme Rio (dele e de outros) é um sucesso. Imagem: Rio (2011) - Disney

Fonte: Cereja e Cereja (2015, p. 116).

Figura 14 – Atividade

Observe estas palavras do texto:

atrás público desenho profissão

- a) Nos encontros das letras **tr**, **bl**, **nh** e **ss**, em quais deles as duas letras correspondem a um único fonema?
- b) Repare na correspondência entre o número de letras e o número de fonemas nas palavras:

atrás desenho
/atras/ /dezenho/

Quantas letras e quantos fonemas tem cada uma delas?

Observando as palavras **atrás** e **desenho**, verificamos que:

- na palavra **atrás** há uma sequência de consoantes (tr), isto é, um **encontro consonantal**;
- na palavra **desenho**, o número de letras não coincide com o número de fonemas; as letras **n** e **h**, juntas, representam um único fonema, /ɲ/ ("nhê"). Nesse caso, ocorre **dígrafo**.

Encontro consonantal é a sequência de consoantes em uma mesma palavra.
Dígrafo é a combinação de duas letras que representam um único fonema.

Além de **nh**, são também dígrafos:

lh (som "lhê") – malha	am, an (som "ã") – samba, manteiga
ch (som "chê") – chinelo	em, en (som "ê") – tempo, pente
qu (som "quê") – querer	im, in (som "i") – imposto, incolor
gu (som "guê") – sangue	om, on (som "ô") – som, geringonça
rr (som "rê") – carruagem	um, un (som "u") – umbu, mundo
ss, sc, sc, xc (som "sê") – bossa, descer, doça, exceção	

EXERCÍCIOS

1. Quantas letras e fonemas tem cada uma das seguintes palavras do texto lido?

hoje	clássicos
Pinóquio	longa
escassos	bilheterias

2. Em quais das palavras abaixo ocorre dígrafo? Escreva em seu caderno.

interesse	vinhetas	Saldanha
quatro	gente	correr
trabalhar	optar	rapidez

Fonte: Cereja e Cereja (2015, p. 117).

Mais adiante na página 116 e 117 podemos observar um texto que serão utilizadas algumas palavras presentes, inicialmente retoma o assunto abordado na página 30 e 31 sobre fonema e letra e introduz sobre encontro consonantal e dígrafo mais adiante apresentam um quadro com alguns dígrafos, observando o quadro percebemos que não traz nem uma explicação para o uso e a existência dos dígrafos e seus sons.

Por exemplo: o uso do ch que é resultante da evolução fonética dos grupos latinos pl, cl, fl. Pluvia temos chuva, masclu temos macho. São explicações e contextualizações como essa que deixa mais claro o estudo sobre determinados assuntos relacionados à ortografia, facilitando a aprendizagem e evolução de nossos alunos.

Dessa forma, caso o docente não tenha o conhecimento a respeito do tema ou não tenha o interesse em buscar novos métodos de ensino e novas fontes de pesquisa, o conhecimento dos discentes ficará bastante comprometido pelo fato do conteúdo ser tratado de forma descontextualizada, limitado e precário, deixando uma lacuna enorme no processo ensino/aprendizagem desse indivíduo.

Figura 15 – continuação do conteúdo

Observe estas palavras do texto:

atrás público desenho profissão

a) Nos encontros das letras **tr**, **bl**, **nh** e **ss**, em quais deles as duas letras correspondem a um único fonema?

b) Repare na correspondência entre o número de letras e o número de fonemas nas palavras:

atrás	desenho
/a'tras/	/de'zenho/

Quantas letras e quantos fonemas tem cada uma delas?
Observando as palavras **atrás** e **desenho**, verificamos que:

- na palavra **atrás** há uma sequência de consoantes (tr), isto é, um **encontro consonantal**;
- na palavra **desenho**, o número de letras não coincide com o número de fonemas; as letras **n** e **h**, juntas, representam um único fonema, /ɲ/ ("nhê"). Nesse caso, ocorre **dígrafo**.

Encontro consonantal é a sequência de consoantes em uma mesma palavra.
Dígrafo é a combinação de duas letras que representam um único fonema.

Além de **nh**, são também dígrafos:

lh (som "lhê") – malha	am, an (som "ã") – samba, manteiga
ch (som "chê") – chinelo	em, en (som "ê") – tempo, pente
qu (som "quê") – querer	im, in (som "i") – imposto, incolor
gu (som "guê") – sangue	om, on (som "ô") – som, geringonça
rr (som "rê") – carruagem	um, un (som "u") – umbu, mundo
ss, sc, sc, xc (som "sê") – bossa, descer, desça, exceção	

EXERCÍCIOS

1. Quantas letras e fonemas tem cada uma das seguintes palavras do texto lido?

hoje	clássicos
Pinóquio	longa
escassos	híperterias

2. Em quais das palavras abaixo ocorre dígrafo? Escreva em seu caderno.

interesse	vinhetas	Saldanha
quatro	gente	correr
trabalhar	optar	rapidez

Fonte: Cereja e Cereja (2015, p. 117).

Figura 16 – continuação da atividade

3. Identifique, em seu caderno, os encontros consonantais presentes nas palavras:

restrito

escolhi

enfrenta

procura

influências

público

abranger

Chaplin

Divirta-se

Olho mágico

Quer ver a imagem abaixo em 3D? É muito fácil. Siga estas instruções:

- Com as duas mãos, segure o livro na frente de seu rosto.
- Aproxime lentamente a imagem do rosto, até o nariz tocar o centro da figura.
- Vá afastando lentamente a figura, até começar a visualizar a imagem com efeitos de profundidade. Quanto mais longe ficar a figura de seus olhos, melhor vai ser a impressão de profundidade.



(Magic eye — A new way of looking at the world, Kansas: N. E. Ihng, 1994, p. 2)

Fonte: Cereja e Cereja (2015, p. 118).

Como podemos observar na imagem o livro traz um exercício de 3 questões aborda primeiro sobre letras e fonemas e mais duas questões sobre dígrafos e encontro consonantais. Mais uma lacuna que podemos observar, pois nos deparamos com uma atividade que não dá conta o suficiente de forma satisfatória e eficiente para garantir a aprendizagem e o conhecimento dos alunos.

Nas páginas seguintes 130 a 132, vamos estudar os encontros vocálicos, que são divididos em três: ditongo, tritongo e hiato, como também as semivogais.

Figura 17 – encontros vocálicos

3. No último quadrinho Bikelô faz uma ressalva quanto ao sexo da baleia.
- Qual é o masculino do substantivo **baleia**?
 - Por que, na sua opinião, ele empregou a palavra **macho** junto à palavra **baleia**?
 - Na sua opinião, se Bikelô empregasse a forma masculina de **baleia**, a tira continuaria sendo engraçada?
4. Observe o emprego das palavras **jeito**, **jeitinho** e **jeitão** nestas três situações:
- Um anúncio diz: "A Azeitex descobriu o **jeitinho** português de fabricar azeite virgem".
 - Um político diz: "Meus amigos, o Brasil tem **jeito!**".
 - Uma mãe diz ao filho: "Quando você vai mudar esse **jeitão** de se vestir?".
- Por que não é possível substituir **jeitinho** por **jeito** e **jeitão**, e vice-versa, nos enunciados?



ENCONTROS VOCÁLICOS

Leia este poema, de Paulo Netho:

Descoberta

A Bia
dizia coisas
e ria,
só alegria.

Só que ela
não sabia
o que era
que dizia.

Mas, um dia,
descobriu
que tudo o que não sabia
mas dizia
era aquilo que se chama
Poesia.



(Poese Fúria! Clube e outros poemas. São Paulo: Formata, 2007, p. 35.)

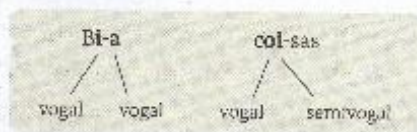
- Nas palavras **Bia** e **coisas**, empregadas no poema, a letra **i** é pronunciada de maneiras diferentes.
- Em qual das palavras a letra **i** é pronunciada de maneira mais forte?
 - E de maneira mais fraca?
- A diferença que você observou acima ocorre entre muitas outras palavras, como, por exemplo, **ai** e **ai**, **país** e **pais**, **saúde** e **saudade**.
- Em **ai**, **país** e **saúde**, o **i** e o **u** são pronunciados de maneira mais forte; já nas palavras **ai**, **pais** e **saudade**, o **i** e o **u** são pronunciados de maneira mais fraca. Trata-se, portanto, de sons diferentes: no primeiro caso, **i** e **u** são vogais; no segundo caso, **i** e **u** são semivogais.

Fonte: Cereja e Cereja (2015, p. 130).

Figura 18 – encontros vocálicos continuação

Vogal é o som forte de uma sílaba. Cada vogal corresponde a uma sílaba.

Semivogal é o som de **i** ou **u** quando pronunciados de forma fraca. Uma semivogal aparece em uma sílaba sempre acompanhada de uma vogal. Veja:



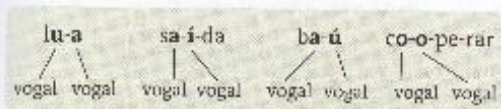
Nas duas palavras, ocorre encontro vocálico.

Encontro vocálico é a sequência de fonemas vocálicos — vogal e semivogal — em uma mesma sílaba ou em sílabas diferentes.

Existem três tipos de encontros vocálicos: **hiato**, **ditongo** e **tritongo**.

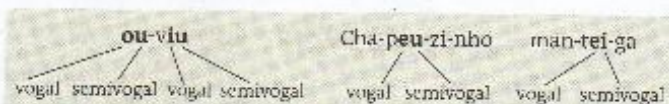
Hiato

É o encontro de duas vogais. Como em uma mesma sílaba só há uma vogal, as vogais do hiato ficam sempre em sílabas diferentes. Veja:



Ditongo

É o encontro de uma vogal e uma semivogal. Como uma semivogal precisa do apoio de uma vogal para formar sílaba, o ditongo não pode ser dividido silabicamente. Veja:



Tritongo

É o encontro de uma semivogal, uma vogal e uma semivogal, sempre nessa ordem. Por conter uma única vogal, o tritongo é indivisível silabicamente. Veja:



Observação

Os ditongos classificam-se em:

- **crecentes:** quando pronunciamos primeiro a semivogal e depois a vogal (a pronúncia vai do som mais fraco para o mais forte):

água = semivogal **u** + vogal **a**

- **decrecentes:** quando pronunciamos primeiro a vogal e depois a semivogal (a pronúncia vai do som mais forte para o mais fraco):

ouro = vogal **o** - semivogal **u**

Fonte: Cereja e Cereja (2015, p. 131).

Podemos observar um poema cujo título descoberto, que foi utilizado no livro apenas para utilizar as palavras Bia e coisas, sem nem um outro ponto de abordagem sobre o poema, e nos mostra uma introdução que aborda mesmo que de forma superficial as vogais e semivogais, a pronúncia fraca e forte das vogais, e que o encontro dessas vogais com as semivogais que vamos ter os encontros vocálicos.

E uma observação mostrando que os ditongos podem ser de divididos em duas classes: crescentes e decrescentes.

Figura 19 – atividade


EXERCÍCIOS

Leia este texto:

Bússola

Se hoje tem gente que não consegue se achar sem um GPS, imagine séculos atrás, atravessando mares revoltos e territórios inóspitos, tendo como guia praticamente só as estrelas. Assim, é fácil compreender a verdadeira comoção que a bússola causou aos inquietos viajantes dos tempos antigos. A primeira versão foi inventada pelos chineses no século 4 a.C., após a descoberta do efeito direcional da magnetita, ou pedra-ímã. Uma das pontas da magnetita sempre aponta para o Norte, atraída pelo campo magnético natural da Terra, que emana dos polos. As bússolas rústicas eram apenas um naco de madeira preso à pedra-ímã e colocado para flutuar na água. Apenas mil anos depois da invenção é que o instrumento passou a orientar navegadores. A bússola teve papel fundamental no comércio marítimo, pois tornou as viagens mais precisas.

(As 101 maiores invenções da humanidade? Superinteressante, abril 2013, p. 55.)



- Nas seguintes palavras do texto, identifique em seu caderno as sílabas em que há encontros vocálicos. Depois classifique os encontros vocálicos em ditongo crescente, ditongo decrescente ou hiato.


x) guia	d) territórios
h) comoção	e) viajantes
c) água	x) causou
- Das palavras a seguir, recorte as que apresentam hiatos.

versão	efeito	madeira	flutuar	invenção
pois	viagens	mais	atraída	
- Converse com as colegas sobre o modo de funcionamento e sobre a utilidade da bússola. Em que situações, ainda hoje, ela é útil?

Divirta-se


FAZ UMA SEMANA QUE NÃO TOMO BANHO.

HUM.




FAZ UMA SEMANA QUE NÃO FALO COM MINHA MÃE.


UHUM.



FAZ UMA SEMANA QUE NÃO ACESSO A INTERNET.



NOSSA, VOCÊ É LOUCO.



(Pedro H. H. Elboni, Jôias e Joias, www.joiasjoias.com.br)

Fonte: Cereja e Magalhães (2015, p. 132).

Na imagem mostrada acima o exercício tem um texto inicial cujo o assunto “Bússola” não traz pontos de destaques sobre o assunto que está sendo estudado, e seguindo três questões uma sobre encontro vocálicos, uma sobre hiatos, e outra sobre a utilidade da bússola.

Podemos observar pelo exercício proposto para o assunto estudado que ele em si não dá conta de todo conteúdo que vem sendo estudado, pois os demais pontos não são abordados na atividade, e ficando mais uma vez a critério do professor buscar uma melhoria em atividade para seus alunos no que diz respeito ao assunto que vem sendo estudado em sala.

Figura 20 – divisão silábica

de OLHO na escrita

DIVISÃO SILÁBICA

1. Leia o texto:

Quais são as injeções que mais doem?

A dor da picada depende de três fatores principais: o calibre da agulha, a profundidade em que a injeção é aplicada e a substância contida na seringa.

“Substâncias mais viscosas, por exemplo, são mais difíceis de dispensar pelo tecido e, portanto, podem doer mais”, diz Marta Heloisa Lopes, médica da Faculdade de Medicina da USP.

Em relação à profundidade e ao calibre, a regra é clara: quanto mais profunda e mais grossa é a agulha, maior a dor. A temida Benzetacil combina com todos os fatores: é um medicamento viscoso, aplicado dentro do músculo e com uma agulha de calibre relativamente grosso. Aí!

(Gabriela Fortillo, Revista Mundo Estranho, junho 2009)

Por que as palavras **contida** e **dispensar** estão divididas da maneira como aparecem no texto?

2. Leia este poema, de Elias José:

Zigue-zague

A palavra ZIGUE-ZAGUE se estica se encolhe, se mexe, se acerta se en tor ta. E remexe. E parece que dança pagode ou que é mesmo uma roqueira.

(Pequeno dicionário poético-humorístico brasileiro. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 104.)

a) Qual é o assunto do poema?

b) O poema explica a palavra *zigue-zague* da mesma maneira que um dicionário?

c) Além de dispor os versos de um modo especial, o poema apresenta a palavra **entorta** separada em sílabas e cada sílaba formando um verso. O que o poeta quis mostrar com isso?

Fonte: Cereja e Magalhães (2015, p. 175).

Ao observarmos a imagem da página 175, que aborda dois textos de gêneros diferentes, um que traz um questionamento sobre as injeções que mais doem, e outro um poema de Elias José com título, Zigue-zague, em seguida podemos observar no primeiro texto um questionamento sobre a divisão de algumas palavras e três questionamentos sobre interpretação do poema.

Essa introdução nos faz questionar se é suficiente para um aluno de 6º ano que vai estudar divisão silábica. Sem uma contextualização adequada e que de conta de pontos cruciais para essa compreensão.

Figura 21 – continuação

A separação de sílabas em textos, apesar de ter sido praticamente eliminada na editoração eletrônica, ainda é usual nas publicações impressas. Além disso, quando escrevemos um texto, é comum algumas palavras não caberem inteiras no espaço disponível na largura da folha. Quando isso ocorre, é preciso separar as palavras em sílabas, como acontece no primeiro texto da página anterior.

A divisão de palavras em sílabas, além de ser usada em final de linhas, pode também, em determinados contextos, criar efeitos de sentido, como ocorre no segundo texto.

Ao dividir uma palavra em sílabas, devemos nos lembrar de situações em que pode e em que não pode ocorrer separação.

Separam-se:

- os hiatos:

re - al - meu - te po - lu - í - do sa - f - da ra - i - nha per - do - o

- os dígrafos **rr, ss, sc, sc, xc** e os encontros consonantais **cc** e **çç**:

ar - ra - rar pas - sa - do flo - ras - cer des - ça
ex - ce - ção oc - ci - pi - tal eue - ção

- as consoantes não seguidas de vogal:

pac - to af - ta

Nunca se separam:

- os ditongos e os tritongos:

re - fú - gio Pa - ra - guai

- os dígrafos **lh, nh, ch, qu, gu**:

pa - lha - co ri - so - nho chu - va on - que - hi - che gue - to

- os encontros consonantais constituídos de consoante + **r** e consoante + **l**:

pre - di - le - to a - lta

EXERCÍCIOS

1. Leia esta tira, de Fernando Gonsales:



(Tira de S. Paulo, 18/2013.)

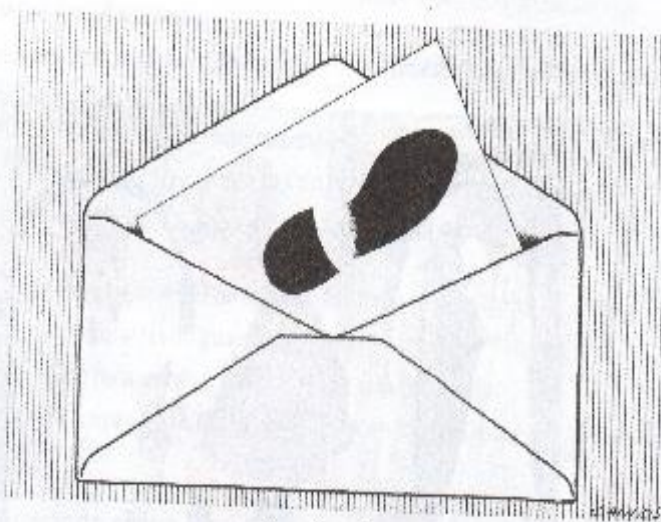
- a) No 1º quadrinho da tira, a palavra **incríveis** aparece dividida em sílabas. Que efeito resulta dessa divisão da palavra?
- b) Pelo contexto do 1º quadrinho, o leitor é levado a supor que a personagem tem qual profissão? Essa hipótese se confirma no 2º quadrinho?

Figura 22 – divisão silábica

2. Em cada grupo de palavras a seguir, há uma que apresenta separação silábica inadequada. Indique essa palavra e refaça sua separação silábica.

- | | | | |
|----------------|--------------|--------------|-----------|
| a) tá-bua | lo-u-sa | pá-tio | sé-ria |
| b) sa-i-da | sa-ú-de | von | le-ein |
| c) ap-to | psi-có-lo-go | im-pa-cto | ab-dô-men |
| d) sub-li-nhar | acla-rar | a-tro-pe-lar | flau-ta |
| e) car-re-ta | ex-ces-so | de-scer | te-lha-do |

Divirta-se



carta de demissão



carta de apresentação

(Cantos. So pra quem ou respira. Porto Alegre: I&PM, 2001, p. 80.)

Ao nos depararmos com as imagens podemos perceber que só agora teremos contato com uma introdução que de forma superficial mostra essa separação silábica. Os pontos que podem ser separados como: os hiatos, os dígrafos e as consoantes não seguidas de vogais e os que não podem como: os ditongos e os tritongos, os dígrafos e os encontros consonantais constituídos de consoantes + r e consoantes +l.

A atividade proposta a partir da tirinha de Fernando Gonsales, a primeira questão sobre a tirinha e separação da palavra incríveis e a segunda para identificar as palavras que estão separadas inadequadamente.

Mais uma vez ao observarmos uma atividade como essa, podemos perceber que não dá conta mais uma vez do assunto abordado sobre divisão silábica, pois de maneira descontextualizada esse assunto vem sendo abordado e as questões propostas não são suficientes para trabalhar com clareza e precisão o assunto proposto.

Em face do exposto, pode-se afirmar que as atividades aqui analisadas não são tratadas com a contextualização dos aspectos históricos, por exemplo, qual a origem da língua portuguesa, quando e como chegou ao Brasil e o que ocorreu para chegar a esse patamar atual. Fatores primordiais para um bom entendimento e aprendizado de todos, já que o livro didático, às vezes, é utilizado como única e exclusiva fonte de pesquisa. Assim, não sendo capaz de sanar as dúvidas existentes ao longo do caminho.

Com isso, fica claro e notório que outras fontes de pesquisas devem ser empregadas, a fim de minimizar ou até mesmo preencher as lacunas ainda presentes no LD. Este por sua vez, precisa ser adaptado à realidade dos discentes de cada região desse país de dimensões continentais e com grandes variedades dialetais.

Infelizmente o olhar para a educação nesse país ainda tem um forte viés político de controle da grande massa, se sobrepondo aos interesses realmente relevantes à formação do discente/cidadão. Para isso, propomos algumas sugestões a serem trabalhadas em sala de aula, sobre esse conteúdo, com o objetivo de oferecer subsídios suficientes ao docente, a fim de que se promova um ensino adequado, contextualizado e atrativo aos discentes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentada procurava responder alguns questionamentos sobre o ensino de ortografia e sobre o livro didático: Como o livro didático (LD) de LP apresenta o conteúdo do ensino de ortografia? O LD considera a percepção histórica, social e cultural que está inserido o conteúdo a ser estudado?

Considerando que os alunos já tenham pouco conhecimento sobre a história da LP, o livro analisado apresenta pouco conteúdo sobre a história, deixando uma vasta lacuna dos acontecimentos ocorridos ao longo do tempo para que chegássemos a nossa língua na atualidade.

A partir dos objetivos definidos para a realização da pesquisa, e baseado nos teóricos referenciados no trabalho, podemos perceber que o livro didático apresenta lacunas na abordagem de conteúdos especificamente sobre a ortografia, uma delas é a descontextualização sobre a história da língua que o assunto deixa a desejar no livro, como também as atividades que são insuficientes para uma aprendizagem efetiva e satisfatória. Com isso fica claro que o professor precisa estar atualizado sobre contexto e história, pois o LD sozinho não dá conta.

Diante disso, fica claro as implicações que a falta de contextualização e atividades insuficientes causam para o ensino de ortografia, tanto questionamentos por parte dos alunos de onde veio tal assunto, como também futuros alunos alienados a respeito da história, sabido que o livro didático não é a única ferramenta para o ensino, o docente tem que exercer seu papel de mediador do conhecimento e buscar meios e técnicas novas de ensino que facilitem esse processo de ensino aprendizagem, pois como fica evidente o LD sozinho não dá conta e assim possa preencher as lacunas presentes no livro didático .

Por fim, salientamos que se trata de uma pesquisa não conclusiva e por isso, está aberta a novos olhares que possibilitem o aperfeiçoamento do ensino da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, M. C. de. **História da Língua Portuguesa**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2011. Disponível em: http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/historia_da_lingua_portuguesa_1360184313.pdf. Acesso em: 10 de setembro de 2019.
- CARVALHO, D. G; NASCIMENTO, M. **Gramática histórica: para o 2º grau e vestibulares**. 13. ed. São Paulo: Ática, 1981.
- COUTINHO, I. de L. **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro, RJ: Imperial Novo Milênio, 2011.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- MATTAR, F. N. **Pesquisa de Marketing: metodologia, planejamento, execução e análise**. São Paulo: Atlas, 1993.
- RODRIGUES, M. L; LIMENA, M. M. C. (Orgs.). **Metodologias Multidimensionais em Ciências Humanas**. Brasília: Líber Livros Editora, 2006.